

# AVESSA

Uma narrativa feminista sobre arte, memória e arquivos

Como se escreve uma história? Que artifício devo usar para que o leitor se agarre a estas palavras com tal paixão que o torne incapaz de fugir? Como fazer seus olhos permanecerem inquietos, página após página, como quem busca por um sentido, uma resposta, algo que lhe afete o sensível?

Como lhe conto uma história? Uma história que não é só minha, que me rasga a pele e me tira o sono, me faz questionar tanto sobre a minha existência quanto das pessoas que vieram antes de mim, trilharam um caminho para que eu chegasse até aqui, e às que virão depois de mim?

Como lhe convenço de que a historiografia não é só fabricada para a dominação de uns sobre os outros, como também, às vezes, ela sufoca, oculta as vozes que deveriam realmente serem ouvidas?



Poderíamos nos demorar nas narrativas sobre as nações ou da América Latina, continente que vive renegado como um cão vira-latas, rogando por atenção, latindo aos quatro cantos para ser notado, estimado, mas que continua sendo extorquido, desassistido, relegado ao subdesenvolvimento.

Se antes me deslocava com medo de ultrapassar alguma trincheira, atordoada pelos enormes muros e construções que me fazem sentir acuada em cada esquina, ou mesmo na segurança de casa, em estado de alerta a qualquer notícia, não estaria meu corpo, meu ser, se adequando a alguma nova conformação? Não estaria eu limitada, experimentando só o que me parece ser permitido, transformando as formas da cidade, dos objetos, nas formas de meu próprio ser, de minha persona?

Digamos que resolvo começar a ocupar esse espaço, deixar marcas, pegadas, relacionar-me com ele de modo mais íntimo, horizontal, como quem reconhece seu tecido e ouve o corpo vivo, pulsante. Meu ser, nesse exercício quase banal, sofre uma modificação, um processo de subjetivação antes bloqueado por esses entes que dizem zelar pela minha integridade, mas que, na verdade, apenas gerenciam seus interesses.

Qual é afinal a importância de contar a minha história? Muito me questionei sobre a necessidade de me expor aqui, mas a verdade é que este trabalho faz parte de uma pesquisa que passa pelo meu olhar, pela minha perspectiva, meus atravessamentos, e é importante considerar meus privilégios, minha condição de vida, meus amigos, minha família. A minha história conta um pouco da história de minhas antepassadas, versa sobre mulheres, arte e feminismo, suas memórias e arquivos. E o que é para mim, ser mulher em meu país?



Preciso lhe mostrar minha fotografia, meu rosto. Me posiciono em frente a você, crua. Te encaro longamente. Você consegue enxergar meus cabelos longos, minha pele, suas

marcas, sem maquiagem ou máscaras. Lhe mostro a minha cabeça, o sangue que começa a jorrar dela e se espalha pelo meu rosto, desobstruindo veios. Minhas entranhas e vísceras estão abertas.

Um dia, no colégio, uma amiga me apresentou um livro, uma mulher falava sobre feminismo de uma forma muito acessível. Abri o livro como quem abre o diário de alguém, ali fui entrando em contato com assuntos que nunca tinha notado. Era como se falassem de mim, de questões que eu, enquanto adolescente, ainda não conseguia nomear. Aprendi a encontrar a minha verdade nas verdades de outras mulheres. Espero que minha voz encontre ressonância na voz de outras mulheres. Na leitura, na escuta e no diálogo com outras mulheres é que me compreendi mulher.

Depois, ao longo da graduação, buscava estudar de maneira autodidata, com trocas entre professoras e outras alunas sobre o feminismo e a arte, sobre o movimento de invisibilização que as mulheres sofreram e ainda sofrem. Quis realizar uma pesquisa empírica, me apegar aos dados, traçar as rotas, entender as relações de poder que se desdobravam dentro do sistema da arte e como isso poderia afetar a mim e outras jovens artistas em nossas trajetórias.

O movimento enquanto pesquisadora, neutra, num formato acadêmico, com dados, entrevistas e resultados não con-

seguiu dar conta da complexidade desse atr/avessa/mento. Por isso nasceu essa narrativa. Compreendi que falaria também sobre o apagamento das memórias e arquivos das mulheres artistas. Tentei resgatar a minha história, fruto de meus arquivos e memórias que se mesclam com os de outras mulheres. Uma história pessoal e também coletiva. Tudo isso imbricado pela força das palavras, das imagens unidas pelo fio, pelo desenho da vida.



Me lembro de uma foto de minha mãe, cabelos ao vento, sorriso no rosto, os olhos brilhando como quem espera pelo novo.

Hoje estamos aqui, sentadas, e minha mãe e minha filha coladas pelo fio da vida. Os olhos de minha mãe perderam o brilho que carregavam, e o sorriso some sempre que se lembra das épocas passadas. Minha filha a seu lado sorri, corre pelos corredores de sua casa, e quando as vejo abraçadas me recordo que minha mãe foi quem garantiu à minha filha a felicidade nela estampada. A foto de nós três hoje carrega o arquivo da minha família, da minha história.



Quando criança eu vivia enfiada no quarto, brincava com as bonecas, criava cenários, adorava colecionar lápis, canetinha, glitter, vivia cercada de desenhos imaginários. Tinha mania de guardar, embaixo da cama, alguma lembrança, um vestígio de algo valioso. Perambulava pelos museus da cidade, observando atentamente aqueles objetos, tentando decifrá-los, conectá-los à vida de minha avó na roça, ou de meu avô na cidade, e traçar um caminho até mim, desenhar uma identidade.

Na mala escondida em baixo da cama, guardava resquícios de algo que me atr/avessa/va, a carta de meu pai, a foto da minha irmã, um diário que tinha uma fechadura pequena, algum bilhete de um dia em que nós fomos ao cinema.

Um dia me disseram baixinho, como quem confessa um segredo, que tenho alma de artista. E eu lá sabia o que era uma artista? Coisa boa não deveria ser! Não sabia direito o que fazer com todas aquelas ideias que atormentavam a minha cabeça. Toda vez que pegava um lápis ou caneta, o traço me traía, matava a pureza do desenho. Não ousava quase nunca desenhar. Preferia conviver com elas imaginariamente, como quem as protegia. Deixava-as imersas na poesia.

Preciso voltar à revolta. Às vezes é necessário compreender de onde surgem as tensões, como um vetor que corta meu corpo e me leva a direções antagônicas. Se tenho a necessidade de consolidar um conceito encarnado em algum formato, é um pedido íntimo de meu ser, um apelo. Tento compreendê-lo, escutar minha voz que anda abafada, mesmo que eu esbraveje vez por outra aos ventos.

A angústia faz morada em mim e intuo que o universo artístico pode me presentear com os instrumentos capazes de dar vazão a tudo que se movimenta nesse mar revolto que ocupa meu peito. Parece que meu cérebro junta as peças de um quebra-cabeça. Enquanto observo formas e rabisco linhas, sinto o coração vibrar e permanece hipnotizada. Se comunica de maneira tão intimamente precisa que me encharca os olhos da alma-mente.

Sinto meu cérebro começando a elaborar trajetos para sair do labirinto. A fluidez e a flexibilidade voltam a ocupar meu espírito, que as remove do limbo, e sou como quem observa o mundo, tenta decifrá-lo, designar-lhe um formato.



A tensão que faz vibrar meu corpo se transforma em movimentos para eu enxergar o outro, lá fora, na paisagem, na arqueadura da sua coluna. Os retratos que coleciono mentalmente me ajudam a elaborar narrativas, criar cenas, com-

preender as composições, as relações. Cada vez que meu braço se movimenta, desenhando uma linha, parece fazer expurgar o antagonismo, como quem observa um cenário, tenta compreendê-lo e, só depois, pode se afastar e ressignificar as figuras.

Como uma aranha com pernas finas e altas que me ameaça sempre que eu ouse olhar para cima e parece querer me pisotear, ao mesmo tempo que possui tamanha elegância e maestria, uma autoridade insípida com o gosto de aço. Me persegue por todos os caminhos e destinos que tento alcançar. Me causa um calafrio na espinha. Movimenta-se tão desenvolta que parece dona do mundo, enquanto eu me sinto reprimida.

Volta a me perseguir, a me assombrar. Comecei a me esconder nos cantos, tateando as paredes, até que percebo um aspecto frágil nas suas finas pernas, algo quase quebradiço. Precisa de tantas pernas pra se manter, se sustentar e, quando me afasto, vejo que muito se assemelha com as linhas que desenho em meu caderno. Elas adquirem forma, começam a ganhar volume. Penso em pegar a borracha e apagá-las, mas me lembro que ficariam suas marcas, seus vestígios. Então me viro de ponta cabeça, mudo o cenário e suas direções, e a aranha, que antes imperava, se vê caída, com as pernas frouxas, relutante, pronta para se abater.

A mala se desfez com o tempo, mas agora eu guardava esses objetos comigo numa caixa pequena. Senti necessidade de catalogar os objetos, como quem busca por alguma ordem. Tratava cada peça como parte de um quebra-cabeça. Se eu conseguisse desvendar a lógica que as liga talvez eu entendesse como a coleção se formou. Como que fazendo um apanhado histórico, tentando olhar pra trás, pros resquícios do passado, pudesse então olhar pra frente, pros caminhos que eu poderia seguir. Eu, que achava estar me encontrando nas palavras, decifrando os objetos nelas, me vi refém da força da memória, como se cada lembrança quisesse contar sua história. As palavras guardavam uma forma engessada e agora sentiam necessidade de dançar, se transformar em manchas para colorir o papel. A história começava a adquirir um fluxo próprio.



Antes de ser pintora, tentei ser poeta. Escrevo poemas ruins. Inimiga das palavras, amaldiçoo-as, traidoras. Dizem o que bem querem dizer. Escrevo com o corpo. Irrompem de dentro de mim como vetores, uma força sobre a qual não tenho controle. Me abrem a boca e começam a jorrar, brotadas de meu pensamento. Saltam do meu peito, sem paraquedas. Surgem aos meus olhos. Tento reuni-las, correm em outra direção, brincam de esconde-esconde. Riem na minha cara, em altas gargalhadas. E então, como crianças, me pegam pela mão, mas não sou eu quem as guio. Me mostram que em cada canto há uma palavra disfarçada.

A mentira do espelho. O trincado no espelho. O corte. A cisão. Procurava nas imagens reconhecer as palavras que a

mim se apresentavam, não como presente, mas como navalha. Doloridas. O espelho mente. As palavras mentem. Melhor confiar na sombra que se projeta dentro da moldura.



Agarro o jornal. Recorto suas palavras compulsivamente, de forma aleatória. Algumas palavras me levam a certos lugares, outras a espaços ainda não desbravados. Juntas, elas parecem criar o fio da narrativa. Jogo-as todas em cima da mesa e, com os olhos, me aproximo de cada uma delas. Uma das minhas mãos começa a se mover, depois a outra. Tento indicar um caminho e, por fim, ambas o encontram. Colo primeiro uma, depois outra palavra, troco aquela de lugar, releio, recorto mais outra do jornal. Meus olhos, minhas mãos, as palavras, tudo dança e encontra um ritmo. A colagem adquire vida à minha frente. A narrativa se constrói sozinha, ao mesmo tempo em que faz uso de mim como aparato. Minha memória equaliza todos os meandros. A colagem mental, textual, se apresenta.



Meu pai tinha uma tatuagem no peito, um risco abstrato, algo parecido com um pássaro. Adorava observá-la li-

vre, sem pudores, alçando voo. Achava que aquilo dizia muito da personalidade dele. Eu também quero ser livre, pensava, também quero voar. Às vezes, fazia de seu peito meu ninho. Não podia voar com ele, mas podia esperá-lo ali. Já encontrei pássaros no peito de outras pessoas, mais tímidos, receosos, se preparando para o voo. Admirava-os e pensava: “será que agora posso voar com você?”. Todos os pássaros voavam e eu permanecia em seus ninhos. Tinha medo. Achava que, quando eu alçasse voo, minhas asas iam falhar: eu não era um pássaro. Eu sabia escrever, contar histórias, construir um universo, juntar as palavras até que elas me transformassem, me fizessem imperar, até que gradativamente eu adquirisse asas. Também sou um pássaro. Eu posso voar.

Quando eu era pequena, minha mãe me presenteava com diários. Neles, eu ousava escrever sobre algo que não dividia com ninguém e, às vezes, na página em branco, confessava em silêncio. Me escondia no quarto, escrevia no escuro, guardava-o num lugar secreto. Vagava observando de longe a paisagem que se estendia no horizonte. Ansiava por um futuro promissor. Esperava que as palavras preenchessem os vazios insistentes. Comecei a me comunicar pelo sussurro, pelo silêncio, quase desaparecia numa névoa. Meu corpo se transformava em manchas. Sentia-o desaparecer com a presença do tempo. Me agarrava às palavras como quem seguia um farol. Ao mesmo tempo que as criava, a jornada se desenhava, e eu seguia com os pés fincados no chão pelo peso das palavras.



Me dividia entre as palavras e as imagens. Nas palavras, encontrava um lugar seguro, permanente. Uma cadeira era uma cadeira. Tentei desenhar cadeiras, repetidas vezes. É como se a linha apelasse a mim mais do que qualquer coisa animada ou inanimada, como portas e garrafas. Desenhava linhas, me perdia nas linhas, não as entendia. Voltava às palavras, aos livros, às caixas. Mas as linhas, mais uma vez, me perseguiram. As imagens, as manchas, tudo me demandava. Não sabia nomear nada daquilo. Será que existia alguma palavra? Um sentimento? A maleabilidade da linha começou a se apresentar no texto, convidar as palavras. Eu podia inventar histórias, trocar personagens. Pela palavra e pela linha eu voltava a elaborar aquilo que me atr/avessa/va. Comecei a fazer uso da beleza das palavras, da fluidez das linhas, encontrar palavras escondidas entre as imagens. Eu não precisava mais das imagens para comprovarem a realidade da palavra, ou pra impulsionarem a fala. Pela imagem eu construía uma nova verdade, a minha. Encontrava novos trajetos, novas maneiras de sair de um labirinto. Linhas de fuga. A construção de uma rota.

Se permitir ser capturado, entregue-se, refém. Observa incansavelmente os detalhes. Não sabe o que exatamente lhe provoca tamanha atração. Obsessivo, perde o sono, a fome, não pensa em mais nada. Retorna sempre a ele.



Primeiro, sente uma imensa alegria lhe invadir por ter lhe encontrado. Chora quando a conexão cresce em seu peito. Depois, vetores começam a lhe acertar o peito, reparti-lo, angustiá-lo. Presa entre as frechas, começa a odiá-lo, a sentir repulsa na mesma medida em que a atração lhe invade. Quer matar. Pergunta, incrédula, o que lhe fiz pra tanto me atormentar?





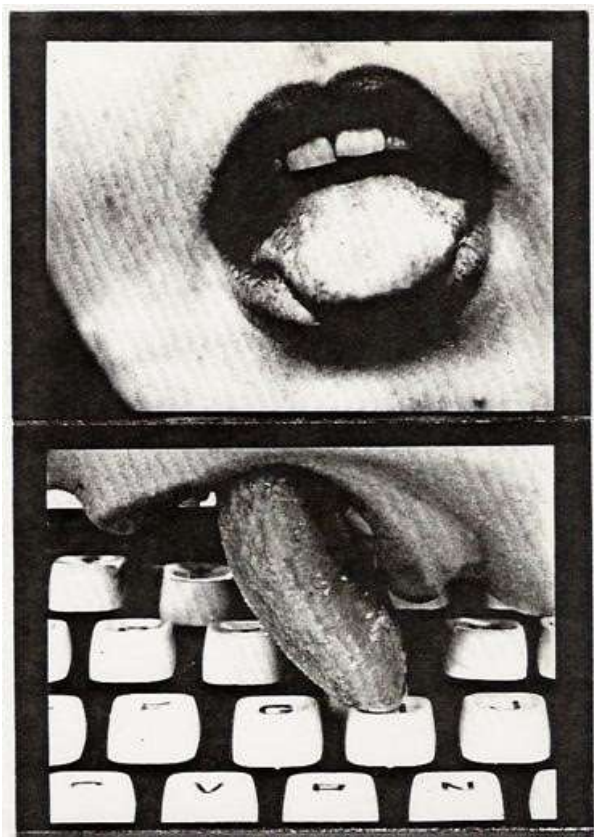
Qual sutura encerra a falta?

As palavras estão embainhadas no fio das lágrimas.

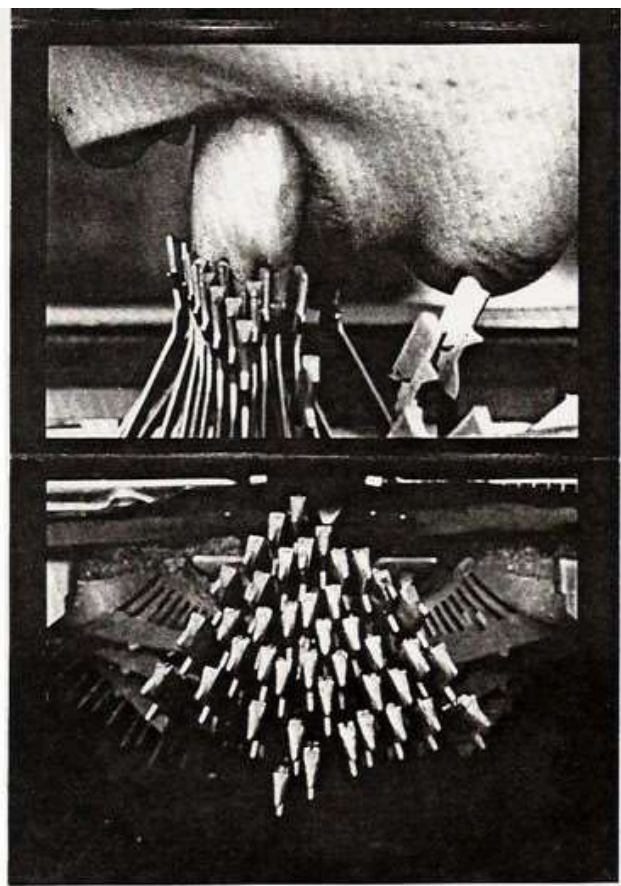
O peso da memória. O aparente esquecimento. O roubo das lembranças. Seria menos difícil encarar o abismo? Escavar o passado? Pior do que o medo de dizer é ninguém lhe ouvir?

Como ilha apartada do território, os vestígios se escondem. Ninguém poderá saber. Ninguém ousará dizer. Recolhe pistas como fazem os policiais. É proibido franquear o acesso aos arquivos, dizem as placas em mim. Elas dizem ainda: jamais poderá contar a sua história, possuí-la, encarná-la, escrevê-la. Eu escreverei, afirmo entre sussurros, às escondidas. Resgatarei cada arquivo meu e de outras mulheres, cada objeto roubado pelas nações, alocados nos museus. Nos rematriarei. Retornarei a meu lar, a mim mesma, a nós.

Abro a boca, língua para fora. Sinto as papilas se prepararem. Me aproximo das letras. Uma por uma, começo a tocá-las, gentil, docemente, quase numa dança. Depois, o toque se faz forte, a língua endurece, torna-se pontiaguda. Abro a boca, chego a lugares que antes não alcançava. Faço caretas. As letras se reúnem, preparam-se para o gozo. A boca começa a encenação, lábios umedecidos pela língua em movimentos sinuosos. Ânسيا. A palavra quase vem. Está na ponta da língua. Ainda não. O som precisa reverberar, fazer vibrar. Os dentes cerrados em barreiras. O encontro se dá no outro. Outra boca, outra língua, outra palavra, outro som. Outra imagem. Outra história. Outro espelho. Uma aposta, uma nova linguagem. Na língua do outro, sou outra.







Abro a boca desvairada. Começo a gritar, mostrando os dentes. Meu corpo se transforma em algo fantasmagórico. Resta a boca. Quero engolir, devorar. Fome generalizada. Fome de sílabas, letras e sons. Procuro na esquina, no meu quarto, na sua boca. Reviro livros, narrativas, poemas, pinturas, desenhos, músicas. Faminta, sinto fraqueza. Não consigo me concentrar. A boca umedece. O corpo beira o colapso. Quase cega, começo a tatear. Num encontro inesperado, dou de cara com ela, a palavra, no corredor. Quantas vezes me perdi das palavras e as encontrei de novo? Não há tempo para mastigar ou engolir. Não há espaço pra garganta, nem pro estômago. Daqui, vai direto para o fim, para o âmago.

Me vejo então como artesã de palavras, selecionando-as, combinando-as, recortando-as, colando-as. A narrativa carrega certa imagética. As palavras não apelam apenas ao textual, quase banal. Elas recriam infinitamente novas imagens ao se relacionarem e ao se depararem com o seu olhar. Como num jogo de estatística, a materialidade se transforma em abstração, as palavras que ora se transformam em objetos perdem a palpabilidade, correm em direção ao nada, ao zero, ao tudo.

Cada poema é um enigma. Damos voltas em torno das palavras, das imagens, dos objetos e arquivos. Quebramos a cabeça. Tentamos encaixar as peças. Me concentro como quem joga Sudoku. Sinto meu peito arfar. Busco sentidos. O pensamento e a paixão se encontram num território fronteiro e somente nele fecho o livro. Não sei se entendi ou se começo a entender que falar do sensível é um jogo difícil.





Três letras fincadas em meu peito. Sempre que me mexo, sinto-as latejando.

Primeiro, tatuaram meu corpo. Depois, cravaram algo em meu coração. O órgão passou a se debater, entre o jorro do sangue e as pulsões. Meu corpo se transformou num morto-vivo. As incisões, a marretadas, o transformaram em ferida aberta. Como se sutura uma ferida? Comecei a usar uma agulha com uma linha fina e, assim, ao mesmo tempo em que perpassava a carne, unia os tecidos. Como quem acessa a dor, passa por sua origem e ruma a outro lugar.

E se abandonássemos a visualidade? As palavras pairam nas nuvens, dançam nos nossos corpos, à espera de sua captura. Algumas estão tão próximas que quase podemos alcançá-las com as mãos, outras se escondem entre a paisagem, nos obrigam a nos esticar, ficar na ponta dos pés e, quando

quase conseguimos tocá-las, fogem, com risos largos, brincando de pique-pega. As palavras tecem narrativas pelos corpos, a linguagem imprime memórias, desenhos, fotografias, pinturas. Performam livremente. Incorporam cenários e tramas diferentes. A vida imita a arte? Seria a artista uma especialista, dotada de um olhar tão clínico que consegue enxergar no nada a expressão das cenas de teatro? Se lhe emprestassem seus óculos, você também conseguiria enxergá-las? Se nos comunicássemos por imagens e pensássemos por palavras não seriam esses processos uma mesma linguagem? A palavra encarna a imagem, a imagem encarna a palavra. A palavra escapa da imagem, a imagem escapa da palavra. A poesia e a arte abrigam ambas.

